

Em 2003, Domingos Tavares deu início a um novo projecto editorial intitulado *Sebentas de História da Architectura Moderna*. Com a sua concretização nascia uma nova chancela¹ - a Dafne - hoje com ampla e reconhecida obra publicada na área da arquitectura. Que as Sebentas de História da Architectura Moderna pressupõem um projecto de ensino para a História parece inquestionável. Como se caracteriza porém esse projecto? Qual o seu ponto de partida e os seus objectivos? Não foi a sebenta quase sempre usada como um processo de cristalização do saber adquirido, ao serviço de quem ensina, mais que de quem aprende? Não serão, contudo, estas Sebentas - e não outras - precisamente um desafio a essa cristalização, aparentemente anunciada, no título da colecção? A segunda, mais do que a primeira hipótese, permitir-nos-á esclarecer o projecto de Domingos Tavares para o ensino da História.

Se existe ou existirá uma História por e para Arquitectos parece ser uma dúvida que importa aos próprios Historiadores.

“Ao arquitecto, hoje como no passado, interessarão mais os precedentes e a solução, a evolução dos tipos e as suas variações. Ao historiador de arquitectura, por seu lado, importa primordialmente o que a obra esclarece da história das formas em articulação com a cultura e a história da humanidade. Uma coisa é uma obra vista fora do contexto em que foi produzida por olhos de arquitecto que reconhece em qualquer época e em qualquer edificio o trabalho e as preocupações de um colega antigo. Outra coisa é a discussão concreta do modo como uma determinada obra foi percebida e projectada por homens de uma cultura que não era exactamente a nossa. Se um círculo, por exemplo, é sempre um círculo, a planta circular de uma igreja dedicada à Virgem tem uma história e um significado projectual concretos diferentes da planta também circular de um pavilhão palacial feito por ‘capricho’ do aristocrata.”

(Gomes, 2001, p. 21)

Significativamente, porém, e apesar de Domingos Tavares por mais de uma vez afirmar não se querer colocar no campo da História (cf. Tavares, 2002, p. 26), a via metodológica que procurou e encontrou, não se traduz nesse projecto para a História de e para Arquitectos desvelada por Paulo Varela Gomes, que a seguinte afirmação sua poderia levar a pensar:

“Afirmo, assim, que a História da Architectura pode ser entendida num curso para ensinar arquitectos como um instrumento de base metodológica para o projecto. Será então uma disciplina de arquitectura que usa a sua própria história e não uma disciplina de história que selecciona as coisas da arquitectura. Isto é importante na caracterização do trabalho que procuro desenvolver porque o método da história não é, evidentemente, o método da arquitectura e eu não pretendo de modo nenhum colocar-me no campo da História.”

(Tavares, 2002, p. 26)

O dilema apesar de identificado não é porém fácil de desenlaçar, porque, em certa medida, a questão entre a cientificidade histórica (o gosto pelo factual) e o carácter interpretativo da história (o gosto pela hermenêutica e pela exegese), não se resolve no interior da própria História como disciplina. Isto é, faz parte integrante e inseparável do próprio debate disciplinar no interior da própria História.

O caminho escolhido e trilhado por Domingos Tavares surge, porém, com clareza, num historiador como Jacob Burckhardt (talvez não por acaso um historiador do Renascimento). A sua decisão de tomar partido pelo ensaio (Burckhardt, 1983 [1.ª ed. 1860]),² num livro cuja introdução anuncia já a bifurcação agora em apreço, justificará, porventura, a relação de Domingos Tavares com o ensaio, já anunciada.

Na introdução ao referido livro, Burckhardt faz uma declaração de princípio, tudo menos consensual, mesmo entre os arquitectos que se dedicam à História:

“Este estudo é apenas um ensaio no sentido mais estrito da palavra; o autor tem a consciência de ter empreendido uma tarefa árdua com meios limitados. Entretanto, mesmo que as suas investigações tivessem sido mais aprofundadas, nem por isso seria julgado com menos severidade pelos especialistas. É que a apreciação de uma dada civilização e do seu espírito apresenta aspectos diferentes para cada observador. E quando se trata de uma civilização que é a mãe da nossa, que entre nós representa sempre uma força viva, então é inevitável que os juízos e os sentimentos pessoais se confundam quer no autor quer no leitor. Este vasto oceano em que nos aventuramos, oferece variados itinerários e direcções; de tal modo que os mesmos estudos que serviram de base a esta obra poderiam conduzir a outra, não só de utilização e aplicação diferentes, mas também de conclusões completamente diferentes. (...)”

(Burckhardt, 1983 [1.ª ed. 1860], p.9)

A colecção *Sebentas de História da Arquitectura Moderna*, como surge explicado na contracapa de cada livro, integra um conjunto de “monografias que se traduzem na passagem a escrito do conteúdo das aulas do curso de História da Arquitectura Moderna da FAUP versando o ciclo clássico da arquitectura europeia, desde o renascimento até ao final do período neo-clássico.” Teoricamente, como também aí é explicado, o plano da obra inclui 23 volumes; o número de cada um indica a sua posição na sequência programática da disciplina e a ordem da saída de cada um dos livros não será sequencial (aliás, como ficou demonstrado desde o primeiro “número”). Nessa altura (em 2003) o autor não dava garantia de fazer sair a totalidade dos volumes previstos no plano da obra, ambição, hoje, não só bastante segura como quase cumprida (faltam apenas 4 livros para completar a colecção de 23).

Sumariamente descrito o plano da obra, será conveniente explicar, dando notícia do nosso acompanhamento quotidiano da utilização